

Um grande pesadelo que vai da Praia do Bispo ao Panguila

Semanário Angolense
08 de Outubro de 2011

Madrugada do dia” 19 de Novembro de 2010. A população que habitava a região conhecida como favela da Praia do Bispo era acordada pelas autoridades. O bairro foi cercado. Quem estava sob o perímetro policial não podia sair e quem não estava não podia entrar. Definitivamente, aquele não seria um dia normal nas suas vidas. A julgar pelas histórias que este povo conta hoje, ali começava um dia de pesadelo.

Sem saber para onde seriam levados, os «favelados» foram sendo transportados em autocarros devidamente lotados, desde cedo, enquanto os seus pertences eram empilhados e carregados em caminhões basculantes. Depois de uma viagem de 30 quilómetros ao Norte da capital, no então município luandense do Cacuaco, aportaram no novo destino.

A primeira visão do novo porto, a vila do Panguila, algumas pessoas ainda se permitiam sonhar, como uns relataram ao *Semanário Angolense*. Para esses, ao longe, a imagem das casas aparentemente acolhedoras levava a antever um lar melhor. Mas a todos o dia reservava ainda outras surpresas. Nada agradáveis.

Na área residencial do sector 9, conhecida como «tecto vermelho», devido à cor avermelhada do telhado das casas do tipo pré-fabricado, à nossa reportagem moradores afirmaram que não houve nenhuma espécie de consideração para com os seus pertences, muito menos qualquer cuidado. Assim, como fazem para descarregar os produtos que transportam de costume, como areia e pedra, os camiões, consoante chegavam, basculhavam os seus pertences.

Em resultado dessa falta de esmero, muitas mobílias entre outras coisas, como fogões, ficaram danificadas. Há os que perderam botijas e outros que ficaram sem os seus documentos. Os moradores alegam que essa é uma das razões pela qual um bom número deles não possui bilhete de identidade.

uco sofrimento se a distribuição das casas obedecesse a outro critério que não o de se

abrigar debaixo do mesmo tecto de duas a três famílias. Pelo depoimento da população, o «aportamento» chega até mesmo a cinco famílias «enlatadas» na mesma casa. Não bastasse isso, a reportagem do *Semanário Angolense* constatou que muitas famílias (algumas das quais não vieram da favela da Praia do Bispo) ainda continuam em casas sem portas ou janelas, onde foram «abrigadas». Cortinas, chapas de madeira e outros recursos ao alcance de cada um fingem fintar a insegurança e estabelecer os limites de cada família dentro da «casa comum».

Embora a decepção estivesse ali patente – dizem «os favelados do Panguila», como são chamados, de acordo com a sua procedência –, o sonho de uma casa para cada família só se manteve aceso porque as autoridades prometeram que aquela situação só duraria quinze dias. Ao fim desse prazo, como disseram, cada família teria a sua própria casa.

O dia prometido chegou. Fazendo a operação aritmética o dia «D» seria o 4 de Dezembro de 2010. E o dia passou sem sombra sequer de qualquer autoridade para dizer alguma coisa ao povo, dizem eles próprios. Estamos a dois meses de fazer um ano desde aquela data. Tudo o que eles sabem provavelmente é o mesmo que já sabiam: a vida não voltará mais à Praia do Bispo (embora esse seja o desejo da maioria deles). Imaginemos: uma casa com dois quartos (ou três, para quem tem mais «fezada»), uma sala, uma cozinha, um quarto de banho (sem água), três, quatro, cinco famílias (com quatro filhos em média para cada uma). Panguila tornou-se realmente um pesadelo. E a vida de cada um é a única garantia de que as coisas poderão mudar. Quando então? eis a grande interrogação.